

ATENÇÃO A CABO VERDE

por Mário Soares

1. Cabo Verde é um país sui generis. Um arquipélago, no sul do Atlântico Norte, situado no cruzamento de três continentes: a África, a Europa e as Américas. Ganhou a sua independência, após a Revolução dos Cravos, com a Guiné-Bissau e percebeu, sem dramas, pouco depois, que a ligação contra-natura com a Guiné não fazia sentido, visto que o laço principal que os unia residia na vontade política de um partido único: o PAIGC, criado pelo grande Amílcar Cabral, uma vez que o regime ditatorial de Salazar e Caetano nunca quis responder, positivamente, às propostas de negociação que lhe foram feitas.

Os tempos, entretanto, mudaram. A luta pela sobrevivência independente revelou-se particularmente difícil. Mas foi ganha. Sendo o Estado mais pobre em recursos naturais (conhecidos), à excepção do génio do seu Povo mesclado, que é extraordinário, como a diáspora, tão respeitada e bem colocada, tanto na Europa como na América, que não esquece a Pátria em que nasceu, é, seguramente, de todas as ex-colónias portuguesas, a mais bem governada, a de maior estabilidade política e a mais respeitada internacionalmente, por ser um verdadeiro Estado de Direito.

Cabo Verde é o quarto arquipélago da Macaronésia, a contar do Norte para o Sul, do Atlântico Norte. Ou seja: Açores, Madeira e Canárias, regiões autónomas de Portugal e Espanha, consideradas territórios periféricos europeus, com os consequentes benefícios que daí resultam. Cabo Verde perdeu, infelizmente, a oportunidade de pertencer a esse grupo, que tem uma unidade geográfica e um valor geo-estratégico incontestáveis visto que fez, no momento da independência, como não podia deixar de ser, na época, uma opção africana.

Contudo, os dirigentes políticos cabo-verdeanos são gente advertida, informada, séria e de excelente formação política. Há anos que a ideia de uma maior ligação à Europa vai fazendo o seu caminho, sem desconhecer as dificuldades que hoje se levantam. Há mesmo sobre esse tema uma certa unidade política entre os partidos do espectro partidário. Cabo Verde tem vindo a transformar-se, tornando-se num centro privilegiado de turismo, com excelentes instalações hoteleiras, uma oferta considerável, para além da amenidade do clima, mesmo no inverno, da agradável temperatura da água do mar e da afabilidade do Povo, com uma música admirável e danças e folclore de grande qualidade. Os europeus adoram Cabo Verde.

O actual Presidente da República, Comandante Pedro Pires, grande resistente ao colonialismo e um reputado político - e um negociador de primeira qualidade - declarou, recentemente, numa entrevista à AFP, cito: "que desejava ver o seu país aproximar-se, gradualmente, da União Europeia, para encontrar novas formas de garantir o desenvolvimento e a segurança". São palavras pesadas e reflectivas. Portugal, país irmão - parceiro na CPLP de Cabo Verde, como o Brasil, os demais países africanos lusófonos e Timor - tem o dever de tudo fazer, na União Europeia, para que esta não deixe cair em cesto roto a vontade expressa do Presidente Pedro Pires, em nome de Cabo Verde. Num momento em que Cabo Verde expressa igualmente a intenção de se aproximar da NATO, Tratado do Atlântico Norte, tão distante hoje dos seus objectivos iniciais, mas que, necessariamente, com a mudança política americana e a chegada de um presidente negro à Casa Branca pode bem vir a ganhar novas virtualidades de paz e progresso no Mar Atlântico, como lhe chamava Pessoa...

2. A Cimeira de Lima. Foi importante e veio no momento próprio o encontro entre a União Europeia e a Ibero-América, que se realizou no Perú, estranhamente com pouquíssimas informações sobre o que lá se passou. Talvez se compreenda com o Mundo

em crise e a União Europeia paralisada, à espera de saber quais são os ventos que vão soprar dos Estados Unidos, após as eleições para a Casa Branca de Novembro próximo. A velha Europa parece ter dificuldade de se adaptar aos tempos novos, sem saber ao certo donde sopram os ventos. Sinal de senectude e de falta de visão e de audácia.

A Ibero-América - ou Latino-América como os italianos e os franceses mais gostam de lhes chamar - não se rege pelo mesmo diapasão. Atenuada a pressão do grande vizinho do Norte, pela força das circunstâncias e dos erros cometidos, as democracias mais ou menos consolidadas da Ibero-América tendo a Venezuela, o Brasil e o México, pelo menos, consideráveis recursos energéticos, começaram a ser procurados pelos diferentes polos emergentes, num Mundo multilateral que está a nascer, inexoravelmente.

A União Europeia não terá muito a oferecer à América Latina, de momento. Mas ouviu e fez-lhe bem ouvir. Percebeu que a China, a Rússia, o Japão e a própria Índia não estão a perder tempo nos laços que estão a tecer com o subcontinente.

No plano dos fait divers, em que as Cimeiras em geral são férteis, houve dois, ambos significativos: as pazes entre Zapatero e Hugo Chávez, fundamental para as grandes empresas espanholas que actuam na Venezuela - e que não brincam em serviço, sobretudo em tempo de vacas magras - com o suplemento da mensagem apaziguadora que trazia para Chávez do Rei D. Juan Carlos; e o gesto cortês de Chávez para com a Senhora Merkel, em amende honorable. Foi bem acolhido e abriu caminho para o futuro.

Lisboa, 22 de Maio de 2008